

J. HERCULANO PIRES

O REINO

(Sugestões para a organização de um movimento cristão de reforma social, sem caráter sectário ou partidário)

A luta por um mundo realmente cristão — sem o instinto de competições em que se estriba a sociedade de hoje, contra a violência e o ódio, contra a demagogia política e a exploração econômica.

SÃO PAULO

1946



O filósofo espírita J. Herculano Pires em Santos, no início dos anos 1970, por ocasião da Semana Espírita, em foto de José Rodrigues.

Apresentação

Este raríssimo opúsculo, conforme a explicação do autor J. Herculano Pires (1914-1979), é uma edição ampliada de uma tese apresentada por ele no I Congresso Espírita da Alta Paulista,¹ evento que serviu como embrião para a fundação, no ano seguinte, da USE - União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo.² O lendário congresso, realizado de 30 de março a 4 de abril de 1946, sob a presidência de Urbano de Assis Xavier e planejamento/secretaria de Herculano Pires, contou com a apresentação de 14 teses. Defendida por Herculano e aprovada por unanimidade, após caloroso debate em plenária, a tese intitulava-se *O Espiritismo e a Construção de um Novo Mundo - Estabelecimento do Reino de Deus na Terra*.

Naquele mesmo ano, o empresário e editor Antônio Batista Lino tomou a iniciativa de lançar a tese em formato de livro, já com um novo título: *O Reino*, obra que viria a ser a primeira de muitas que a seguir lançaria através da Lake - Livraria Allan Kardec Editora, fundada por ele no ano seguinte.

O lançamento deste ensaio de Herculano se deu em um momento muito delicado do movimento espírita paulista, cenário de um intenso conflito entre os espíritas devido às divergentes interpretações doutrinárias, à disseminação de práticas estranhas ao Espiritismo, como a incorporação de rituais e cerimônias religiosas de diferentes credos e na tentativa de uso do movimento espírita como organismo político e

¹ A região da Alta Paulista era uma antiga região ferroviária que abrangia as cidades de Marília, Tupã, Garça, Dracena, Parapuã, Brotas, dentre outras, no tempo da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, incorporada em 1971 à extinta Fepasa - Ferrovia Paulista S.A.

² A USE foi fundada em 1947, por iniciativa de Edgard Armond e J. Herculano Pires, cujo nome inicial era União Social Espírita.

palanque eleitoral. Cabe lembrar que, desde 1945, crescia a expectativa de um razoável segmento de espíritas em se fundar um partido político espírita.

Pode-se considerar o lançamento deste ensaio como uma resposta às tentativas de se partidizar o Espiritismo e às críticas feitas pelos materialistas, especialmente os marxistas, à prática social dos cristãos. Sem querer fundar alguma doutrina, o objetivo de Herculano Pires foi o de contribuir “para uma solução cristã do problema social em que o mundo se debate”. Segundo ele, “esta publicação não se destina apenas aos nossos companheiros de Espiritismo, mas a todos os que, sinceramente trilharam os caminhos cristãos, através de qualquer das religiões organizadas, ou mesmo fora de qualquer religião.”

Esta obra exerceu muita influência sobre as antigas gerações de espíritas, principalmente nos anos 1960, pelos integrantes do MUE - Movimento Universitário Espírita, fundado em 1962. Vários militantes desse movimento, também influenciados pelas teses do filósofo e economista alemão Karl Marx, citavam bastante essa primeira edição, posteriormente reampliada e relançada por Herculano em 1967, pela Edicel, já com outro enfoque, mais doutrinário e radicalmente distante da doutrina marxista.

Integrantes do MUE, através de seu órgão de divulgação, *A Fagulha*, publicavam artigos indicando somente a primeira edição de *O Reino* e sob a nítida influência das categorias marxistas, o que desagradou Herculano Pires por entender que tal prática poderia causar confusão ao se atrelar ideologicamente o Espiritismo ao marxismo.

Foi o início de um conflito que, posteriormente, resultou numa total ruptura de Herculano com o MUE, cuja gota d'água seria o lançamento em livro de um prefácio seu à obra

Dialética e Metapsíquica, do filósofo espírita portenho Humberto Mariotti, intitulado *Espiritismo Dialético*. Esta edição, organizada pelos jovens universitários espíritas, continha uma apresentação de Luís de Magalhães Cavalcanti, integrante do MUE de Salvador-BA, com evidente influência das ideias do filósofo marxista Louis Althusser.

Em 1973, o MUE já estava proibido de atuar em nome da USE, a imprensa espírita fechava-lhe as portas e várias lideranças se afastaram, provocando a dissolução deste pujante movimento, cujo valor histórico ainda está por ser resgatado.

Apesar da postura laica do PENSE - Pensamento Social Espírita e das restrições que possam ser feitas à linguagem cristã, utilizada propositalmente por Herculano Pires, esta obra se impõe, não somente pelo seu valor histórico mas sobretudo, pelo humanismo de suas proposições éticas, plenamente condizentes com a filosofia social do Espiritismo. É justamente pelo seu valor inestimável e a raridade deste opúsculo, que este site o publica em formato digital, tornando-o agora disponível gratuitamente para todos os estudiosos do Espiritismo, sejam espíritas ou não-espíritas.

Boa leitura!

Eugenio Lara

Editor do PENSE - Pensamento Social Espírita

www.viasantos.com/pense - Junho de 2010.

Fontes Bibliográficas:

- MONTEIRO Eduardo Carvalho e D'OLIVO Natalino - *U.S.E. 50 Anos de Unificação*, 1ª edição, Edições USE, São Paulo-SP - 1997.
- *Anais do 1º Congresso Espírita do Estado de São Paulo*, 1ª edição, Ed. União Social Espírita - São Paulo-SP - 1946.
- RIZZINI, Jorge - *J. Herculano Pires, o Apóstolo de Kardec - O Homem, a Vida, a Obra*, 1ª edição, Paidéia, São Paulo-SP - 2001.

P. Panella
Um alvoro do
Herculano

Ab. 22 (2)
1848.

O REINO

J. HERCULANO PIRES

O REINO

(Sugestões para a organização de um movimento cristão de reforma social, sem carater sectario ou partidario)

A luta por um mundo realmente cristão — sem o instinto de competições em que se estriba a sociedade de hoje, contra a violencia e o ódio, contra a demagogia política e a exploração economica.

SÃO PAULO

1946

Aos que desejam realmente compreender e seguir os principios cristãos, em meio ao torvelinho politico e social dos nossos dias, conservando-se, como assinalava Tiago: “isentos da corrupção deste século”.

PORTICO

A publicação deste trabalho, ampliando a tese que apresentamos ao I Congresso Espirita da Alta Paulista, objetiva a maior divulgação possível de um ponto de vista que consideramos como a mais legítima interpretação do espirito social do Cristianismo. Não temos com ele a pretensão de formar doutrina. Somos apenas adepto da suprema doutrina consubstanciada no Evangelho, e pretendemos tão somente contribuir para uma solução cristã do problema social em que o mundo se debate. Por isso mesmo, esta publicação não se destina apenas aos nossos companheiros de Espiritismo, mas a todos os que, sinceramente, trilham os caminhos cristãos, através de qualquer das religiões organizadas, ou mesmo fora de qualquer religião.

Intenso tem sido o combate que as correntes materialistas, do chamado moderno socialismo científico, veem movendo, desde os fins do século dezenove, contra os chamados cristãos-sociais. Mas, embora, muitas vezes, grandes razões tenham pesado a favor dos materialistas, a verdade é que isso se deve às deturpações, quase sempre interesseiras e intencionais, dos principios cristãos, por parte de organizações que se arrogam o direito de oferecer ao mundo um cristianismo forjado e organizado dentro das suas próprias limitações de ignorancia, ou das suas particulares conveniencias. Neste momento, porém, da grave hora mundial que atravessamos,

quando as verdades cristãs ressurgem na terra, com os arautos provindos das mais diversas regiões e seitas, inverte-se o fiel da balança. O Cristianismo reassume a sua verdadeira atitude de doutrina revolucionária, com novo e redobrado vigor, mostrando às próprias correntes anti-cristãs a necessidade de não mais o combaterem, e de procurarem, pelo contrario, dele se aproximar, bebendo-lhe a seiva renovadora e fecunda, que os séculos nada mais fizeram do que conservar, apesar de todas as formas de deturpação inutilmente criadas pela vaidade e o egoísmo dos homens.

Stanley Jones, esse admirável Cavaleiro do Reino de Deus, e Jacques Maritain, o conhecido pensador católico, lutam lado a lado, embora partindo de organizações divergentes, para o restabelecimento da verdade cristã no terreno social. Há, entretanto, um movimento cristão que jamais dependeu, não depende e não dependerá de um trabalho puramente pessoal, e que desde os meados do século dezenove, paralelo ao desenvolvimento do chamado moderno socialismo científico, vem marchando decisivamente nessa mesma direção... Pensamos que nem Stanley Jones nem Maritain poderão dar ao cristianismo deturpado de hoje a oportunidade de voltar à sua pureza primitiva. Esse acontecimento histórico, de importancia transcendental, vem se realizando no mundo com a propagação e desenvolvimento do Espiritismo, doutrina livre de todas as peias teológicas que prejudicam as igrejas do Catolicismo e do Protestantismo. Assim, tanto em Maritain quanto em Stanley Jones, encontramos, na apreciação do movimento mundial e do trabalho realizado pelas correntes socialistas, erros fundamentais de visão, que ameaçam lançar o Cristianismo de encontro àquelas correntes, numa luta inglória e ainda mais feroz do que as tristes batalhas

partidarias do mundo politico. O Espiritismo, pelo contrario, de natureza radicalmente avessa ao caudilhismo politico e ao messianismo religioso, baseado no espirito cristão mais primitivo e amplo, abre ante os cristãos sinceros uma nova oportunidade para o “nascido de novo”, permitindo-lhes olhar o problema com outros olhos, sem as viciações politicas do mundo dividido em que temos vivido.

Achamos, por isso mesmo, que a contribuição espirita, para esse movimento geral de renovação cristã que se processa no mundo, precisa ser encarada com mais interesse, com menos preconceitos, e — por que não dizelo? — com mais intelligencia e honestidade, pelos adeptos dos diversos credos, das diferentes igrejas existentes... Neste trabalho, baseado em interpretações directas do texto sagrado, e em asserções de um grande ministro metodista e de um conhecido apóstolo espirita, procuramos oferecer a todos um rapido esboço da contribuição espirita para o lançamento de um profundo e amplo movimento cristão de reforma social, no mundo conturbado pelas lutas politicas e economicas que caracterizam os nossos dias.

Passemos, portanto, à tese que resume o nosso trabalho, aprovada pelo I Congresso Espirita da Alta Paulista, e após a qual teceremos ainda alguns comentarios, em torno de questões que não pudemos esclarecer mais amplamente naquella, em virtude da limitação de espaço exigida pelas normas do conclave.

O ESPIRITISMO E A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO MUNDO

(Estabelecimento do Reino de Deus na Terra)

*(Tese aprovada pelo I Congresso Espirita da
Alta Paulista, realizado em Marília, E. de S.
Paulo, de 31 de março a 4 de abril de 1946)*

“Buscai primeiramente o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais vos será dado por acréscimo”. — Mateus, 6: 33.

“Ele (o Espiritismo) é, pois, obra do Cristo, que preside, conforme igualmente o anunciou, à regeneração que se opera, e prepara o Reino de Deus na Terra”. — Kardec — “O Evangelho segundo o Espiritismo” 1: 7.

Podemos hoje ampliar, numa aplicação mundial, aquela frase histórica do preâmbulo do “Manifesto Comunista”, de Marx e Engels, referente à situação européia nos meados do século 19, dizendo, por nossa vez, em pleno século 20: “Um espectro aterroriza o mundo — o espectro do comunismo”. E já agora, para persegui-lo e combater-lo, não se unem numa Santa Aliança apenas as potências da Velha Europa, mas tôdas as potências deste Velho Mundo, de uma ordem social caduca, que luta, na sua desesperada e inevitável agonia, para sobreviver de qualquer maneira. As forças económicas, com todo o seu complexo aparelhamento de manutenção e defesa da ordem atual, e as forças espirituais, com

tôdas as suas variadas formas de expressão, derivantes daquela ordem, estão em pânico, no mundo inteiro, ante esse espectro que no século 19 atemorizava a Europa. E tão amplo, tão profundo se tornou esse pânico, que um grande missionário protestante, cujas observações teremos de citar muitas vezes, no decorrer deste trabalho, exclama, no mais realista e inspirado dos seus livros, recentemente publicado: “Nada há que se exima deste movimento que sacode o mundo inteiro em favor de uma reforma social; nem sequer os nossos santuários!”

A veracidade destas palavras é alguma coisa que podemos experimentar por nós mesmos. Ainda há pouco, dizia-me um pastor protestante desta cidade que a maioria dos membros da sua igreja era favorável ao comunismo. Nas recentes eleições, um pastor protestante de Campinas figurou na chapa de deputados do P. C. B., por São Paulo. Católicos esclarecidos organizam-se seguindo as linhas de Maritain e do padre Ducatillon, enquanto, em face da ameaça que paira sobre as posses da Igreja, vemos a luta desesperada em que se empenha o clero católico, para evitar que as suas ovelhas sejam arrancadas do redil em que se encontram há tantos séculos, seduzidas pela voz de um outro pastor...

O chamado de uma nova ordem social está clamando no coração do mundo, e o mundo não pode deixar de atende-lo, porque êle é um imperativo do progresso terreno, é uma lei maior do que as leis transitórias dos homens, é a expressão da própria vontade de Deus. Os santuários estão abalados, como disse o grande missionário, e os santuários cairão por terra, se tentarem resistir ao impeto das novas forças que estão se desencadeando sobre a cabeça e o coração dos homens.

OS ESPÍRITAS E A RECONSTRUÇÃO MUNDIAL

Nos meios espíritas, a grande clarinada da reconstrução encontrou éco mais profundo do que no seio de tôdas as religiões organizadas. A própria natureza da Doutrina dos Espíritos, a sua força renovadora e a sua dinâmica de redenção e reconstrução, fazem com que ela seja aceita, em maioria absoluta de adeptos, por aqueles que já se colocaram à margem dos preconceitos e convenções hipócritas do mundo em que vivemos. A maioria dos espíritas, no Brasil e no mundo, encara como uma necessidade vital e inadiável a transformação da ordem-social monstruosa que domina a terra. E ai de nós, espíritas, se assim não acontecesse, porque então já teríamos submetido a nossa doutrina, e o próprio Evangelho do Cristo, às injunções transitórias de um mundo em falência, negando-lhes o papel fundamental que lhes cabe, na construção de um novo mundo, para redenção dos cativos e salvação dos famintos que enchem os quatro cantos da terra.

Verifica-se, entretanto, de parte de um grande número de espíritas dirigentes, um escrúpulo farisaico em face deste assunto. São muitos os que afirmam nada ter o Espiritismo com as questões políticas, embora assegurando, numa flagrante contradição, caber-lhe no mundo uma grande tarefa social. Enquanto, entretanto, uns procuram furtar-se ao problema político, outros pensam em aproveitar a força doutrinária para a organização de partidos que jamais conseguiriam abranger a crescente massa espírita, e outros ainda engrossam as fileiras de partidos a cujo programa e linha de ação não poderiam dar, jamais, uma adesão completa e leal.

Os espíritas, que possuem a mais admirável unidade no terreno doutrinário, e vivem lutando contra a falta de unidade, estão assim em face de uma fragmentação muito mais séria, por mais uma vez não terem visto a admirável unidade que, também no terreno político e social, o Espiritismo lhes oferece. E' portanto de vital importância, — para a nossa Doutrina e para o Mundo, — que procuremos descobrir essa unidade, e que estejamos vigilantes, segundo a própria advertência do Mestre, para que o *Dia do Senhor* não nos surpreenda dormindo, descuidados dos nossos deveres.

Se acreditamos na infalibilidade das leis de Deus, e compreendemos que a transformação mundial é um imperativo dessas mesmas leis, não temos razões para temer a nova ordem social. Temos, porém, razões de sobra, para temer a maneira por que ela se fará, pois isso depende diretamente dos homens e da sua capacidade de servirem como instrumentos ativos da vontade de Deus. Ora, as leis se cumprem, de uma ou de outra maneira. Se, no momento necessário, o “sal da terra perder o seu sabor, com o que se haverá de salgar?” Pensamos que outro sal há de ser procurado, e, seja êle um sal bruto ou amargo, com êle mesmo é que se salgará...

A POSIÇÃO DO CRISTIANISMO

O mundo precisa transformar-se. Sua ordem atual é injusta e bárbara, materialista, baseada no instinto de competição e não no espírito de fraternidade. Chamar de cristão ao mundo moderno é blasfemar contra Cristo e escarnecer do seu Evangelho. O mundo, porém, não poderá fugir a Cristo, por mais que os homens o forcem,

e um dia a verdade cristã será restabelecida na terra. Ora, como poderia o Espiritismo, na sua divina missão de Consolador, de Espírito de Verdade, prometido pelo Cristo para restabelecer tôdas as coisas, furtar-se à grande função que lhe cabe neste terreno?

Um problema aparentemente sem solução, entretanto, surge no caminho de todos os que pensam sôbre este assunto: Como envolvermos o Espiritismo no torvelinho de ódios e disputas mesquinhas da vida política? Essa pergunta não conseguiu ainda uma resposta satisfatória, nos meios espíritas. Não obstante, ela está nos lábios de milhares de espíritas, e também nos de milhares de cristãos de várias religiões organizadas, no mundo inteiro, que perguntam a si mesmos o que poderá fazer o Cristianismo, nesta hora de crise geral, para encaminhar o mundo de maneira concreta, positiva, a uma transformação realmente cristã. Stanley Jones, o grande missionário da Igreja Metodista, a que atrás nos referimos, assim alude a esse fato, no livro de sua autoria, "Cristo e o Comunismo", que é uma vigorosa e bela resposta àquela pergunta: "Não sou comunista, nem me chamo socialista; sou um cristão que busca uma solução para este problema. Estou convencido, desesperadamente convencido de que o Cristianismo deve, ou bem guiar a humanidade a este respeito, ou bem abdicar."

Ora, não é justamente esta última, a maneira de proceder do chamado cristianismo dos nossos dias? Abdicar, reduzindo o Evangelho a uma aplicação puramente individual, sempre desvirtuada e incompleta, entregando a direção dos povos à vaidade e ao egoísmo capitalistas, ao demoníaco torvelinho das lutas partidárias e dos conflitos de classe, — não tem sido sempre a atitude das igrejas cristãs? Ou pior ainda, — imer-

girem-se nessa mesma luta, confundindo-se nas piores e mais hipócritas disputas, e abdicando, por outro lado, do próprio Evangelho do Cristo, — não tem sido a atitude daquelas igrejas que se colocaram em posições proeminentes?

Stanley Jones, estudando esse fato, detida e precisamente, lamenta a falsa posição em que se encontram no mundo as igrejas cristãs, e adverte que o Cristianismo se acha, por isso mesmo, “em face de uma crise suprema, talvez decisiva.” No mesmo periodo, acrescenta: “Os acontecimentos estão levando o mundo para uma encruzilhada que exigirá uma decisão. Esta geração, ou quando muito a seguinte, terão de escolher entre o comunismo materialista e ateu e o Reino de Deus na terra.”

É o ponto de vista sincero e objetivo de um pastor protestante que soube se colocar acima das restrições sectárias, mas que nem por isso deixou de ser pastor. Olhando o mesmo problema pelo ângulo espírita, chegaremos à conclusão de que a crise máxima do Cristianismo já foi transposta galhardamente pelo Evangelho, no mesmo instante que o Espírito de Verdade restabeleceu na terra o ensino primitivo do Mestre. O que hoje se encontra novamente em face de uma crise decisiva é o emaranhado de igrejas que os homens construíram na terra, em nome do Cristianismo. E nenhuma escolha terá de ser feita, por esta ou pela futura geração, pois a escolha já foi feita, desde o momento em que a humanidade, cansada de todos os enganos e explorações, resolveu abraçar o Cristianismo redivivo, na Doutrina dos Espíritos, que não conta ainda cem anos de existência e já se encontra radicada em todos os quadrantes da terra.

O CAMINHO CRISTÃO E O
CAMINHO MARXISTA

Acabamos de sair de uma nova conflagração mundial. Mais uma vez o homem sofreu em sua própria carne os horrores da violência e do ódio. Neste momento, o Consolador é uma grande luz de esperança e de verdade, que brilha no coração dos simples e dos humildes, indicando aos próprios poderosos o único caminho de segurança e de paz existente na terra. O homem terá de compreender que o amor e o sacrifício são forças muito maiores do que a violência e o ódio. Os que zombavam dessa verdade cristã, ou continuam ainda zombando, bem cedo perceberão o vacuo da sua falsa superioridade, da sua fatua arrogância.

O marxismo exerce uma poderosa fascinação, justamente por se apresentar, neste mundo de após-guerra, como um instrumento eficiente de justiça social, o único caminho político capaz de levar as massas famintas a um regime de bem-estar económico. E assim é, de fato. No torvelinho da sociedade de classes, uma só classe poderia estar em condições de transformar o mundo — a classe operária, que é a mais sacrificada e consciente. Na triste confusão das competições políticas de hoje, um só partido se revela, em toda parte, capaz de enfrentar a enorme tarefa, — o Partido Comunista, baseado nas teorias de Marx, porque é o mais realista, e, ao mesmo tempo, o único eficientemente idealista. O homem, colocado dentro da sociedade de classes, e pensando seriamente na necessidade de uma transformação mundial, só encontra um caminho para o cumprimento do seu dever social — o caminho marxista. Todos os demais lhe parecerão inefficientes, pueris, utópicos, dean-

te de uma análise fria dos complexos entrelaçamentos de interesses egoístas do mundo moderno. Por isso, tantos cristãos sinceros estão hoje convencidos de que o marxismo representa o açoite de que o Mestre se serviu, no templo de Jerusalém, para expulsar os vendilhões. Mas somente o falseamento dos princípios cristãos, a deturpação das verdades evangélicas, são os responsáveis por essa submissa aceitação dos princípios da força.

* Novamente a advertência de Jesus a Nicodemos deve soar no mundo: “É preciso nascer de novo!” Sim, é preciso que o homem nasça de novo, colocando-se em face da vida sem as peias mentais da sociedade de classes, sem o vício da política e do sistema de competições económicas em que vive, — para poder enxergar a única verdade redentora, que está fora e acima dessa mesma sociedade, porque está no Evangelho do Cristo. O homem liberto dos preconceitos atuais, livre das divisões de classes, de raças, de crenças e de sistemas políticos, iluminado pela consciência cristã, e não baseado na chamada consciência de classe, — é o único instrumento capaz de reformar o mundo e libertá-lo da sociedade de classes. O amor é a única força capaz de eliminar a exploração, a escravidão e a violência. Riem disto os marxistas, aferrados à visão primitiva de Marx, que foi um lúcido analista da sociedade de classes, um arguto observador do mundo egoísta e ateu da burguezia capitalista, mas jamais se libertou da visão dos conflitos económicos, para estudar o homem em si, nas suas possibilidades básicas mais profundas e reais. Na medida, porém, que observarem as consequências das suas próprias atitudes, irão compreendendo que não falamos em amor para fugir da luta, — e sim para enfrentá-la com a única arma capaz de nos dar uma vitória completa e permanente, sem o fermento de novas e futuras divergências. *

DENTRO DE UM CRITÉRIO HISTÓRICO

Estudando o Cristianismo, dentro do mesmo critério histórico que orienta o moderno socialismo científico, Stanley Jones revela os verdadeiros fundamentos da Doutrina de Cristo, o seu espírito dinâmico, a sua incomparável vitalidade, e as imensas possibilidades que oferece para o futuro do mundo. Tudo o que, no marxismo, constitue elemento de atração para os sonhadores de um mundo melhor, deriva do próprio Cristianismo! Aliás, já nos livros básicos do Espiritismo deparamos com essa verdade. No “Livro dos Espíritos”, de Kardec, encontramos veemente condenação dos erros e falhas da nossa sociedade, seguida desta afirmação, que sintetisa tôda uma filosofia: “Numa sociedade organizada segundo a lei do Cristo, ninguém deve morrer de fome.” — (930). Stanley Jones lembra a pregação socialista de João, o precursor e chama a nossa atenção para aquela vibrante proclamação de Jesus, na sinagoga de Nazaréth, ao ler o “Livro de Isaias”: — “O Espírito do Senhor baixou sobre mim, e me ungiu para pregar *boas novas aos pobres*; me enviou para proclamar a *redenção dos cativos, aos cegos vista*, pôr em liberdade os oprimidos e proclamar *o ano agradável ao Senhor*”. (Lucas 4:18-12) Este Ano agradável ao Senhor, ou do jubileu, como se vê em Levítico 25:10, era para os judeus um ano de renovação nacional. Os escravos eram libertados, e a terra novamente dividida entre todos, evitando-se assim, nessa redistribuição periódica, a formação dos latifúndios, o açambarcamento do meio principal de produção. Stanley Jones frisa este significado do programa cristão, que responde perfeitamente a uma necessidade fundamental do mundo moderno, e, logo a seguir, lembra o Canto de Maria, a antevisão do Reino de Deus pela

própria Mãe do Messias, em sua visita a Isabel, canto esse que Bernard Shaw classificou como o mais revolucionário jamais escrito em toda a história da Europa, e que assim encontramos no Evangelho: “Espargiu os soberbos nos pensamentos do seu coração, arrancou os príncipes dos seus tronos e elevou os humildes, encheu de bens os que tinham fome e despediu vazios os que eram ricos” (Lucas 1:51-53).

Cairbar Schutel, um dos mais lúcidos intérpretes espíritas do Evangelho, em nosso país, também alude, no seu livro “Vida e Atos dos Apóstolos”, às pregações de João e aos ensinamentos sociais de Jesus, e exclama: “A dizer com franqueza, segundo a linguagem dos tempos atuais, os dois grandes revolucionários cristãos eram francamente comunistas. Ninguém há, que, lendo os Evangelhos, nos possa contestar essa verdade. Naturalmente que não se trata de um comunismo materialista, que degenera em anarquismo, mas poderíamos intitulá-lo Comunismo Cristão, com todas as insígnias de Fraternidade, Igualdade e Liberdade.”

Esse comunismo espiritualista, traduzido em amor, — mas que nem por isso abdica da energia e da coragem, — não se encontra, aliás, apenas em diversas passagens do Evangelho, ou no pensamento dos seus intérpretes. Ele frutificou em realidade, foi posto em prática pelo Cristo desde o início da sua divina missão, e tomou vulto na comunidade dos apóstolos, como vemos em Atos 32-35, na seguinte descrição: “E, da comunidade dos que creram, o coração era um e a alma era uma, e nenhum deles dizia que coisa alguma do que possuía era sua própria, mas tudo entre eles era comum. E com grande poder os apóstolos davam o testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça. Pois nenhum necessitado havia entre eles, por-

que todos os que possuíam terras ou casas, vendendo-as, traziam o preço do que vendiam e depositavam-no aos pés dos apóstolos; e repartia-se a cada um conforme a sua necessidade.”

O IDEAL DO REINO DE DEUS

O espírito do Cristianismo é o espírito de justiça por excelência, abrangendo o céu e a terra. Jesus ensinou: “Buscai primeiramente o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais vos será dado por acréscimo”. Ele não nos mandou fugir de “tudo o mais”, que está também na ordem das coisas do Reino, pois o homem precisa dele para viver, e a doutrina de Jesus é de vida e não de morte, é de misericórdia e não de sacrifício, segundo as suas próprias palavras. Precisamos esclarecer, portanto, este assunto, e dar-lhe um sentido prático, sem mais demora. * É função do Consolador restabelecer tôdas as coisas, e a verdade do Reino de Deus tem de ser restabelecida em palavras e atos. Como fazê-lo, entretanto, sem tomarmos o caminho excuso das competições políticas? Stanley Jones aconselha a realização imediata do Reino em nossas vidas particulares, em nossas relações com o mundo, e a união dos verdadeiros cristãos em cooperativas de consumo e produção. Mas não é esse o caminho, — êsse é apenas um atalho. O caminho do Reino tem de ser mais amplo, mais dinâmico e mais concreto. Além da vida cristã e do sentido coletivista que devemos desenvolver em nós mesmos, há necessidade de uma imediata aplicação desse sentido numa escala universal. Stanley Jones fala também nume Internacional Cristã. Esse sim, seria talvez o caminho, se soubessemos como realizá-lo, pois não poderíamos dar a essa Internacional a mesma organização das

Internacionais Operárias. O Reino de Deus está acima da sociedade de classes, que gera a luta partidária e dela se alimenta. O Reino de Deus não pode caber no âmbito de um, nem de muitos partidos, e não pode nascer da desvairada competição da vida partidária.] Como, então, darmos início a uma vigorosa e eficiente Internacional Cristã?

Basta, segundo pensamos, um pouco mais de exemplificação na própria vida do Mestre. O Cristianismo já é, por si só, internacional, universal, e não necessita de um novo impulso nesse sentido. Jesus não se envolvia nas lutas políticas e sociais do seu tempo. Ele vivia, e fazia os outros viverem o Reino. Mas a todos oferecia *um meio de ação*, a todos encaminhava *no trabalho do Reino*. Isso é o que devemos fazer, sem demora. Não seremos verdadeiros cristãos se não respondermos, aos que nos perguntarem como alcançar a vida eterna: “Vai, vende quanto tens, e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, e segue-me”. (Marcos, 10:21). Não apenas ir e vender, desapegar-se da propriedade-privada, mas dá-la também, distribuí-la entre os homens, para ter no céu, no íntimo, o tesouro do amor. E não apenas ter esse tesouro, mas levá-lo, também êle, ao Cristo, e seguir os seus passos entre os homens, distribuindo novamente esse novo tesouro inexgotável. E a única maneira de podermos assim proceder, será alcançada através da organização de um movimento sem qualquer aspecto partidário, um movimento que desperte no mundo o ideal vivo e claro do Reino de Deus, com um programa social definido. Embora não se envolvendo nas lutas partidárias, o movimento afetaria essas lutas, pois todos os adeptos deveriam recusar-se terminantemente a tomar qualquer partido, e a dar o seu voto a qualquer candidato cujo programa, passado político ou feito moral,

estivessem em contradição com os ideais do Reino. Essa espécie de resistência passiva aturdiria os profissionais da política, obrigando os partidos a moralizarem os seus quadros e os seus métodos de luta, ou a se afastarem do cenário, dando lugar ao aparecimento de novas formas administrativas. Ao mesmo tempo, o ideal do Reino, — operante e vivo no seio do movimento, — seria um ímã de força irresistível, atraindo os homens de boa-vontade para a sua esplêndida e crescente realidade.]

PASSAMOS TAMBÉM O PENTECOSTES

Estamos reunidos num congresso que representa a ressurreição do Cristianismo. Depois da nova crucificação, a pedra das igrejas farisaicas foi novamente removida da entrada do sepulcro, e o Cristo ressucitou mais uma vez. Mas não é só. Passamos também o Pentecostes, e o Espírito do Senhor foi derramado sobre toda a carne. É chegado, pois, o momento de iniciarmos o trabalho de organização da nossa comunidade, aquela mesma de Atos 32-35, — a comunidade dos que creem, onde o coração seja um e a alma uma, onde não haja necessitado, e cada um receba segundo a sua necessidade!

E não nos esqueçamos de que, — se o sal perder o seu sabor, de nada mais servirá, senão para ser lançado fora. E com o que, então, se salgará? Marx nos responde, neste mesmo instante, em tôdas as partes do mundo. Stanley Jones acha que a resposta de Marx arrastará o mundo para aquilo que chama de “Reino do Homem Coletivo e Ateu”. Onde, porém, iria parar esse reino humano, depois de instituído? Acaso a força das doutrinas materialistas seria capaz de prevalecer sobre a verdade evangélica? Não, isso não seria possível.

Entretanto, devemos convir que o processo seria mais longo, mais complexo e doloroso, valendo por um verdadeiro castigo contra a nossa inépcia e a nossa ignorância.

Cairbar Schutel, na “Interpretação Sintética do Apocalipse”, faz-nos esta advertência: “Entretanto, como falamos da paz, será bom lembrar que ela não se fará por ajustes internacionais, porque nos parece inevitável que as classes oprimidas, depois da conflagração mundial ou a guerra das nações, farão prevalecer, com as armas que lhes foram agora postas nas mãos, as suas pretensões, os seus direitos sonogados, o que dará lugar as agitações internas em todos os países, *até que a palavra do Alto se pronuncie com poder.* Os bem-avisados que procurem se guiar pelo Espírito do Evangelho, porque a luta será tremenda, como não houve outra igual, e aquele que estiver sob o abrigo da Árvore da Vida não perecerá.”

Ressalta, pois, da observação de todos os livros evangélicos, e da criteriosa interpretação dos estudiosos sinceros, a necessidade de nos guiarmos por caminhos seguros, que facilitem o advento do Reino de Deus na Terra, ao invés de continuarmos apegados ao comodismo dos que, dentro da vida física, só querem viver num ambiente falso, de falsas interpretações e ações espirituais. E não devemos nos esquecer de que os tempos estão chegados. Todos os sinais aí se encontram, à vista daqueles que teem olhos para vêr. É ainda Stanley Jones, o protestante, que vem nos repetir, por outras palavras, a advertência de Schutel, o espírita: “Em 1917, Lenine, dirigindo-se a um grupo de estudantes da Suíça, disse: Talvez esta revolução não chegue durante a minha vida. Poucos meses depois estava à frente da revolução que sacudiu o mundo. É possível que nós, os cristãos, nos encontremos muito mais pertos do momen-

to da decisão universal, do que cremos. Os meios de comunicação são tão velozes, a mente do mundo é tão rápida na hora presente, tão facilmente influenciada pelos movimentos mundiais, os pensamentos isolados e esporádicos do mundo vão sendo substituídos tão prontamente pelo pensamento universal, que devemos olvidar a demora das decisões universais de outrora. As coisas se transformaram. O mundo está cada vez mais preparado para tomar uma decisão universal.”

✦ Devemos tomar, pois, as medidas necessárias, que correspondam ao nosso exato dever nesta hora do mundo, organizando um amplo movimento, capaz de colocar, não apenas os espíritas, mas todos os cristãos de boa-vontade e de mente aberta, sob o abrigo e proteção da Árvore da Vida. Não façamos, porém, um novo partido político, lembrando-nos da advertência de Jesus: “O meu Reino não é deste mundo; se o meu Reino fôsse deste mundo, certo que os meus ministros haviam de pelejar” (João, 18:36), ou ainda: “Os reis dos gentios dominam sobre êles, e os que teem sobre êles autoridade são chamados benfeitores; não há de ser, porém, assim entre vós, mas o que entre vós é o maior, faça-se o mais pequeno, e o que governa seja como o que serve” (Lucas, 22:25-26).]

DESPERTAR O MUNDO PARA O REINO DE DEUS

Não devemos envolver o Espiritismo na luta inglória da política. Seria cometermos um erro amargo, de tristes conseqüências. Mas não devemos também permitir que os espíritas continuem transviados no terreno político, servindo muitas vezes aos interesses de grupos

antagônicos. A formação de um movimento cristão, na modalidade ampla a que acima nos referimos, pode e deve ser promovida por um grupo de espíritas sinceros, independentemente da participação de qualquer associação doutrinária. O movimento terá de se revestir do mais puro espírito e do mais alto ideal cristãos, sem se imiscuir jamais nas lutas partidárias, nem indicar candidatos para a votação dos seus adeptos. Seu trabalho será apenas o de despertar o mundo para a imensa possibilidade da realização do Reino de Deus, esclarecendo os cristãos a respeito da única posição que um verdadeiro cristão pode assumir em face das lutas partidárias da sociedade anti-fraternal — a abstenção, mas a abstenção ativa, no trabalho silencioso e humilde da *Construção do Reino*.

OS CIRCULOS CONCÊNTRICOS

Pedro de Camargo, o consagrado pregador e comentarista espirita conhecido pelo pseudonimo de Vinicius, chamou-nos a atenção para o fato de não havermos citado, na tese presente, o texto completo do versiculo 36, cap. 18, do Evangelho de João. Esse texto termina com a seguinte frase: "... mas AGORA não é daqui o meu Reino". De fato, essa frase é de grande importancia, pois demonstra, mais uma vez, de maneira incisiva, que Jesus trabalhava para trazer o Seu Reino a este mundo. Aliás, o versiculo seguinte, de numero 37, dá ainda maior enfase ao que ali se exprime. Vejamo-lo: "Disse-lhe então Pilatos: Logo, tu és rei? Respondeu Jesus: Tu o dizes, que eu o sou. Eu para isso nasci, e, ao que vim ao mundo, foi para dar testemunho da verdade; todo o que é da verdade ouve a minha voz."

Quanto mais nos aprofundarmos no estudo do Cristianismo, na leitura e interpretação dos seus livros basicos, mais nos convenceremos da sua natureza profundamente social, e veremos, ao mesmo tempo, que todos os problemas sociais encontram solução decisiva nos postulados evangelicos. É interessante, a respeito, notar que os principios mais revolucionarios e vitais do Marxismo derivam do Cristianismo. O que encontramos, em Marx, de condenavel, é justamente aquilo que representa um conflito com as verdades cristãs. †Tiremos ao Marxismo o seu materialismo filosofico, reverde natural ao materialismo pratico da sociedade capitalista,

e tiremos-lhe o apego aos principios da força e da violencia, que os ideais cristãos ressaltarão imediatamente do seu corpo doutrinário.]

Jacques Maritain, em seu recente trabalho "Christianisme et Democracie", declara: "Le comunisme se situe dans la ligne du mouvement d'émancipation de l'homme, — au point de convergence historique des principes d'erreur mêlés à ce mouvement." Stanley Jones declara estar convencido de que o Marxismo é uma advertencia aos cristãos, e um impulso de Deus para levar os homens à realização do Reino, fora das formas atuais do Cristianismo organizado, uma vez que estas não desenvolveram devidamente as suas atividades nesse sentido. Entretanto, observa: "Dentro do comunismo não há razão absoluta para crermos na vida nem no homem. Deus há de estar na base da vida, ou a terra será a meta final desta. Deus ou terra, é o dilema definitivo e ultimo."

Lenine proclamou e exaltou uma verdade cristã, que serve hoje de base à análise marxista dos movimentos sociais, ao referir-se à luta entre o "novo" e o "velho". Qual o cristão que não conhece as lições do Mestre a respeito? É curioso notar que, para definir e explicar as suas leis, tiveram varias vezes os marxistas de recorrer aos mesmos recursos empregados pelo Cristo na difusão dos seus ensinamentos. Assim, por exemplo, a chamada "lei da negação-da-negação", que explica os ciclos historicos através da morte do grão de trigo na terra, para o seu reaparecimento multiplicado na germinação e produção, nada mais é do que uma lei evangélica, explicada pelo Cristo da mesma maneira. No Evangelho de João, cap. 12, versiculos 24 e 25, vamos encontra-la nesta magnifica definição: "Em verdade, em verdade vos digo que, se o grão de trigo que cai na terra não morrer, fica ele só, mas, se morrer, produz muito fruto". Na primeira epis-

tola de Paulo aos Coríntios, 15:36,37, o apóstolo dos gentios também nos diz: “O que tu semeias não se vivifica se primeiro não morre. E, quando tu semeias, não semeias o corpo da planta que há de nascer, senão o mero grão, como, por exemplo, de trigo ou de algum dos outros”. A condenação da propriedade privada, que gera os conflitos do egoísmo, é em Cristo mais veemente e profunda do que em Marx. E até mesmo o sistema marxista da auto-crítica tem suas raízes profundas no movimento cristão primitivo, baseando-se naquele “Confessai os vossos pecados uns aos outros”, de 5:16, da epístola de Tiago, e naquele “... de maneira que vos podeis admoestar uns aos outros”, de Paulo aos Romanos, 15:14, como também o princípio da “mais-valia” foi antecipado pela epístola de Tiago, como veremos adiante. Quanto à auto-crítica, as epístolas são uma demonstração viva do que ela representa no movimento cristão, desde os primeiros momentos.

É ainda Stanley Jones quem nos diz, analisando o lastro negativo do marxismo-aplicado: “Parece-nos que o Comunismo é a tese que cria o Fascismo como anti-tese, e que estes dois, tornando-se insustentáveis por suas falhas inerentes, levarão afinal à síntese: o Reino de Deus na Terra”. Esta asserção é das mais interessantes, pois prevê o aniquilamento de todos os erros do materialismo marxista, no atrito com as formas de violência e de opressão por ele mesmo geradas, até que, na prática social, restem somente as verdades fundamentais do Cristianismo, consubstanciadas na existência do Reino de Deus.

Meditando sobre estas questões, após uma breve leitura da “Republica” de Platão, tivemos, de súbito, uma visão mental que nos parece definir de maneira mais precisa o complexo problema, situando em seu devido lugar cada uma das forças sociais atuantes no

mundo. Primeiramente, vimos os ciclos evolutivos da sociedade em forma de círculos concêntricos. Depois, uma exclamação mental definiu a visão com as seguintes palavras: “Há ciclos dentro de ciclos”. Vejamos ao que nos leva isto.

O ciclo maior, que envolve os demais, engloba todo o roteiro evolutivo da sociedade. Partindo do Eden, segundo a tradição bíblica, ele se desenvolve através e em redor de toda a história humana, terminando no Reino de Deus. O grão de trigo da existência edênica, morto no processo da germinação, frutifica na harmonia geral e grandiosa do Reino de Deus. Dentro deste imenso ciclo desenvolvem-se outros, representando as mais variadas experiências humanas. Depois do Eden, tivemos o clã primitivo, onde começam os estudos históricos do Marxismo. Partindo do clã, o ciclo marxista se desenvolve em direção ao estabelecimento do socialismo. Depois do clã tivemos a tribo, com sua forma violenta e arbitrária de submissão ao cacique, ao chefe, e dela parte o ciclo fascista, em direção à sociedade corporativa de caráter autocrático. Entre estes ciclos fortemente definidos, desenvolvem-se os movimentos titubeantes e imprecisos da democracia política, ora voltando-se para um, ora para outro.

O grande ciclo envolvente, que tudo abrange, representa o Cristianismo. Ele está além e acima do Comunismo, do Fascismo e da Democracia, e vai além da sociedade corporativa, além do socialismo, além das utopias de Platão e Tomaz Moore, além de todas as inconsistentes aspirações humanas do mundo de hoje. Ele é a volta ao Eden, ao Paraíso Perdido, à harmonia entre o Criador e a Criatura. De modo que devemos opôr, como bem o diz Stanley Jones: “à interpretação

economica da historia, a interpretação do Reino de Deus”.

Os cristãos primitivos sabiam estas coisas, e conheciam e compreendiam melhor os processos historicos, do que todos os nossos sociologos. Eles não se confundiriam em face dos movimentos politicos de hoje, pois a sua ante-visão era bastante clara e bem definida, como vemos, por exemplo, nos versiculos do capitulo final da epistola universal de Tiago: ,

“Ei a vós agora, ó ricos, chorai, dando urros na consideração das vossas miserias, que virão sobre vós. As vossas riquezas apodreceram, e os vossos vestidos teem sido comidos de traças. O vosso oiro e a vossa prata se enferrujaram, e a ferrugem deles dará testemunho contra vós e devorará a vossa carne como um fogo. Ajuntastes para vós um tesouro de ira lá para os dias ultimos”.

E, a seguir, a antecipação da teoria da “mais-valia”, numa sintese tão perfeita que deslumbraria o proprio Marx:

“Sabei que o jornal que retivestes aos trabalhadores que ceifaram os vossos campos clama, e os seus gritos subiram até aos ouvidos do Senhor dos Exercitos. Tendes vivido em delicias sobre a terra, e em dissolução haveis cevado os vossos corações para o dia do sacrificio. Condenastes e matastes o justo, sem que ele vos resistisse”.

Toda a tragedia da dominação de uma classe sobre outras, e da exploração do trabalho, ali se definem, em cores tão vivas e fortes, muito antes da analise marxista. E, na prevenção dos odios que teriam de se desencadear, Tiago não se esqueceu de advertir: “Não vos ressintais, irmãos, uns contra os outros, para que não sejais julgados. Olhai, que o Juiz está diante da porta!”

É essa mesma a advertencia que ressurge no trecho de Stanley Jones que citamos atraz, afirmando que devemos substituir a interpretação economica da historia pela interpretação do Reino de Deus. O escandalo terá de vir, como dizia o Mestre, mas ai daqueles por quem vier! As dissensões, as lutas, os odios, teriam fatalmente de explodir, como explodem ao nosso redor. Mas felizes aqueles que souberem compreender as coisas, — confiando no Juiz que está diante da porta!

O JULGAMENTO DO CRISTO

Uma verdade que Stanley Jones reconhece, com admirável sinceridade, é a de que, muitas vezes, há mais do Espírito do Cristo em movimentos que se desenvolvem fora do chamado Cristianismo organizado, do que dentro dele. E este trecho do seu magnífico livro "Cristo e o Comunismo", referente a um cristianismo livre, que ele não define qual seja, parece referir-se inevitavelmente ao movimento espírita, sempre considerado pela vaidade sacerdotal como um desorientado trabalho da margem: "Este cristianismo livre pode, talvez, nesta crise, ver com maior clareza e obrar com maior decisão do que o cristianismo organizado. Temos de considerar a estes irmãos da margem tão verdadeiramente irmãos como aqueles de quem pensamos que são os nossos irmãos do centro. Quem sabe não acontecerá, depois de tudo, que eles se encontrem mais perto do centro do que nós mesmos!"

* A responsabilidade do Espiritismo é tão grande, nesta hora mundial, que os sacerdotes sinceros, não obstante a sua posição adversa, são obrigados a reconhecer o papel que lhe cabe, no restabelecimento das verdades cristãs. Urge, portanto, que os espíritas procurem compreender o momento presente, colocando-se à altura das tarefas históricas que lhes pesam sobre os ombros. Sempre, porém, num espírito da mais ampla fraternidade cristã, sem qualquer espécie de messianismo sectário, prontos a colaborar com todos e a aceitar a colaboração de todos.]

Como já estudamos em nossa tese, o Reino de Deus não pode ter qualquer especie de relação com o movimento politico-partidario deste mundo a que ele não pertence. Temos de descobrir e aplicar uma forma de luta diferente da utilizada pelos homens escravizados aos prejuizos da sociedade de classes. E, como já deixamos entrever, cremos que ninguem soube descobrir e aplicar melhor o método cristão, na luta pelos direitos humanos, do que o mahatma Gandhi, que não pertence a nenhum movimento cristão. (Seu sistema de luta passiva, de resistencia perseverante, e de absoluta renuncia aos métodos brutais da violencia, é o unico realmente acorde com o Espirito de Cristo,) entre todos os que conhecemos no mundo de hoje. É claro que não devemos nos tornar discipulos de Gandhi, nem adotar as suas teorias particulares, mas apenas beneficiarmo-nos no exemplo fecundo da sua admiravel resistencia aos incitamentos instinctivos da violencia e do odio. Sua attitude de amor é uma poderosa lição, que devemos ter constantemente presente em nossas atividades de carater social.

Presenciamos hoje, mais do que nunca, ao tremendo embate da luta de classes. A ira dos dias ultimos, prevista e anunciada por Tiago, desencadeou-se sobre a cabeça dos ricos e dos poderosos. Como, entretanto, estribam-se tambem no odio e na violencia, estão eles opondo a sua propria ira à dos oprimidos e espeziñhados. De lado a lado se estendem os homens, em formação de batalha. E dos impropérios, das injurias, das acusações que uns aos outros se lançam, gera-se a confusão ameaçadora do momento que vivemos.

Não podem os cristãos tomar partido ao lado de uns, nem de outros. O espírito do Cristianismo é profundamente contrario aos processos empregados por ambos os contendores. Não obstante, antecipando-se

de muitos séculos na condenação dos erros capitalistas, e na luta por um mundo melhor, mais justo, não pode o Cristianismo alheiar-se agora ao tremendo embate que se desenvolve na terra. Compete-lhe um esforço, cabe-lhe um lugar, nesta hora decisiva. E o lugar que lhe cabe é o de dirigente, de orientador, de esclarecedor de ambas as partes, para que o conflito se desfaça, não com a vitória injusta e perigosa destes ou daqueles poderes humanos, mas com a justa e soberana vitória dos designios de Deus.

O Cristianismo tem de ensinar aos homens a lição de amor pela qual o Cristo submeteu-se ao sacrificio da sua propria encarnação. Para realizar, porém, essa imensa tarefa, devem os cristãos evocar o espirito de abnegação, desprendimento, coragem, intrepidez, que caracterizaram todas as atitudes do Mestre. Por isso mesmo, urge a organização de um movimento cristão de reforma social que coloque as verdades cristãs acima dos principios e interesses humanos. Esse movimento não deve se revestir de nenhum aspecto sectario. Não deve ser espirita, nem protestante, nem catolico. Deve ser cristão. As diferenças exegeticas nada representam, num momento de decisões fundamentais como o que atravessamos., Lembrem-se, todos os cristãos, das constantes advertencias do Mestre e dos seus discipulos mais eminentes, contra o acanhado espirito sectarista do seu tempo. Procurem sentir e compreender o espirito realmente universal do Cristianismo, e esqueçam por um momento as suas divergencias de interpretações e de cultos, as suas divisões intellectuais, para juntos marcharem no caminho pratico das realizações sociais, dentro do ensino superior do Cristo, sem se esquecerem, todavia, de que nenhuma reforma social será possivel sem a reforma intima e verdadeira dos individuos que constituem a sociedade. Os que, aferrados ao seu es-

treito sectarismo, não quiserem seguir a marcha geral, que fiquem de lado. Não importa. A lei de liberdade, de que tanto nos fala Paulo, deve sempre merecer o nosso mais absoluto respeito. Cada um é responsável pelas suas próprias ações. Assim, não sirva o sectarismo feroz e acanhado de uns para impecilho na realização dos outros. Acima do espirito de seita paira o Espirito do Cristo. E Ele, como o juiz que já se encontra diante da porta, há de julgar, na hora oportuna, os que não quiseram aceitar o seu convite de amor, o seu apelo de união e de fraternidade, “porque — amaram mais a gloria dos homens do que a gloria de Deus”.

COMO UM TIMIDO CLARÃO DE ALVORADA

Pode a muitos parecer que a organização de um movimento de reforma social, sem caracter politico-partidario, não oferecerá aos cristãos a oportunidade de participarem dos postos de mando e representação, necessários à aplicação dos seus principios na atual sociedade. Vejamos, pois, de qual maneira podem os cristãos, sem participar diretamente da desesperada luta politico-partidaria, preparar o advento de um novo mundo.

Primeiramente, não podemos e não devemos usar a enorme força de uma organização cristã, de natureza ampla e anti-sectaria, de maneira a permitir que a mesma se transforme em novo instrumento de luta no mundo politico. Nossa vigilancia deve se exercer de forma decisiva nesse terreno, pois não faltarão, em tempo algum, os lobos vestidos de pele de ovelha, os mandriões politicos disfarçados em idealistas cristãos, que tudo farão para se aproveitarem da nossa organização. É imprescindivel, por isso mesmo, combatermos desde logo a ideia de, à maneira do que faz a Liga Eleitoral Catolica, apontar o nosso movimento quaisquer nomes ao eleitorado. Nosso objetivo será o de despertar a consciencia cristã no homem, e não o de conseguirmos a sua subjugação aos pontos de vista de alguns dirigentes do movimento. O Cristianismo é, sobretudo, uma doutrina de emancipação espiritual, de libertação mental. Nossos eleitores escolherão por si mesmos, serão conscientes da sua responsabilidade e dos seus

deveres. Temos, por isso, de esclarecer a todos sobre os verdadeiros ideais do Reino de Deus, mostrando-lhes a solução cristã dos problemas do mundo e a maneira pela qual poderão agir em favor do estabelecimento de uma civilização verdadeiramente cristã, na terra conturbada dos nossos dias. A apresentação, a indicação, ou mesmo a simples aprovação de candidatos, implicaria num erro de graves consequências para o nosso movimento.

Uma tarefa que nos competirá, em primeiro lugar, é a de trabalharmos pelo livre registro e apresentação de candidatos e chapas em todos os pleitos eleitorais, sem a obrigatoriedade da legenda partidária. Os candidatos avulsos e as chapas livres representam o melhor caminho para a consecução dos nossos objetivos imediatos. Sem compromissos partidários, poderão esses candidatos colocar-se em posição de trabalhar por objetivos mais puros e desembaraçados dos tremendos interesses de grupos. Quanto, porém, à escolha dos mesmos, pelos eleitores filiados ao nosso movimento, só a estes compete. Pautando-se pelos ideais do Reino, amplamente difundidos e ensinados, escolherão os nossos eleitores, livremente, em cada pleito, os candidatos a que desejem dar o seu voto. E se nenhum candidato satisfizer às suas exigências, votarão em branco. Nunca, entretanto, deixarão de votar, pois a defesa dos direitos democraticos deve constituir um dos mais solidos fundamentos e um dos mais decisivos objetivos do nosso movimento. Para a preservação deste, contra as manobras inevitáveis dos exploradores, todas as medidas devem ser postas em pratica, o quanto antes. É possível, por exemplo, que elementos filiados ao movimento, para servirem aos seus proprios interesses, ou de terceiros, utilizem-se do ardil de lançar manifestos publicos de apoio a este ou àquele candidato, apontando-

os como pessoas à altura dos ideais do Reino. Casos como esse devem ser previstos imediatamente, no estabelecimento das bases do movimento, para evitarmos a sua derrocada logo nos primeiros impulsos. A força milenar da astúcia interesseira é grande demais, para que dela nos esqueçamos, ao traçar as normas de um movimento desta natureza.

A principio, o nosso trabalho poderá ser dos mais arduos. O ridículo e a calúnia não deixarão de estar presentes, nas fileiras dos nossos adversários. Eles nunca estiveram ausentes, em ocasiões como essa. O apodo e as perseguições poderão também nos atingir. Interesses seculares mobilizarão todas as suas forças contra o movimento nascente. Não nos esqueçamos, então, da advertência do Mestre: — os que, porém, persistirem até o fim, esses serão salvos! Na proporção em que formos aprendendo a despertar no mundo o anseio pelos supremos ideais do Reino, nosso movimento irá crescendo de forma inesperada. Como um tímido clarão de alvorada, ele se esboçará no horizonte sombrio do mundo de hoje. Mas, se soubermos confiar e esperar, pouco a pouco as luzes inundarão o céu, e um novo dia raiará sobre a terra — O DIA DO SENHOR.

É preciso não nos esquecermos de organizar o nosso movimento em bases solidas, claras e leais. Temos de restabelecer a verdade sobre o Reino de Deus, sem o menor temor nem o mais leve subterfugio. Nossa luta pela criação de uma nova sociedade precisa revestir-se da mesma rude franqueza dos profetas e dos cristãos primitivos. Como Tiago, não vacilemos em acusar os exploradores do braço alheio, e em condenar a prepotência e o luxo dos chamados senhores do mundo. Não podemos aceitar a defesa do impiedoso e brutal sistema economico hoje vigente na terra. Ele é incompatível

com os ensinamentos basicos do Cristianismo e representa a verdadeira negação do espirito de fraternidade.

Temos de organizar as nossas células de trabalho em toda parte. Atraves delas, do seu esforço perseverante, o ideal do Reino irá sendo despertado em todos os corações sinceros. E como a benção do Cristo não faltará jamais para aqueles que n'Ele creem e por Ele trabalham, não tenhamos a mais leve duvida — o nosso movimento se transformará, dentro em breve, nas bases gigantescas do novo mundo de ordem e de justiça pela qual os povos desesperadamente anseiam.

Nossa luta contra o espirito partidario deve ser decisiva, por mais que nos acusem ou critiquem os interessados na sua continuidade. Não podemos tolerar que essa forma cruel de exploração, condenada por espiritos da envergadura de Platão, continue a atrair os cristãos de todos os credos, pois as disputas politicas constituem um permanente incentivo aos mais baixos instintos do homem, favorecendo-lhe o horroroso apetite de mando e poder, e a irresponsabilidade vaidosa que hoje tão livremente campeia na terra. Nosso trabalho de resistencia passiva contra a demagogia politica, nossa luta serena de esclarecimento dos corações e das consciencias, irão pouco a pouco obrigando os figurões da politica a compreenderem que se encontram em face de um mundo novo, contra o qual nada valem os seus espalhafatos, as suas frases rotundas e as suas atitudes quixotescas.

Este é o nosso pensamento a respeito. Oferecemo-lo aqui, a todos os homens de boa-vontade, como uma sugestão para maiores estudos e melhores conclusões. Se a nossa contribuição prestar algum serviço ao renascimento dos Ideais do Reino, dar-nos-emos por muito bem pagos deste pequeno mas temerario intento.

Que o Espirito do Cristo ilumine o vosso coração e esclareça a vossa consciencia, amigo leitor!



★ Impresso na ★
EMPRESA GRAFICA DA
"REVISTA DOS TRIBUNAIS" LTDA.
★ São Paulo ★

O Reino - J. Herculano Pires

PENSE - Pensamento Social Espírita